

Cartel: um in-cômodo: uma experiência

Tereza Oliveira¹

. O título deste trabalho surgiu num dos encontros do cartel sobre o *Seminário da Identificação*, livro 9 que foi provocado por um dos cartelizantes que trouxe a seguinte questão: qual o título da apresentação que faremos em “Céu Aberto? Nas discussões, cada um dos cartelizantes colocou as suas inquietações relativas a dinâmica do cartel, seus impasses, ou seja, a experiência de cada um neste dispositivo, de Escola, o *in-cômodo*. Perguntei-me, que *in-cômodo* seria esse? Vou buscar um pouco a construção de Lacan sobre um dos dispositivos de Escola que é o cartel, iniciando com um passeio por Freud.

O desejo que levara Freud a fundar a Associação Internacional em 1910 – International Psychoanalytical Association - (IPA), era a de resguardar sua invenção e assegurar a continuidade da psicanálise para além de sua pessoa, isto é, o que se traduz na chamada experiência originária, e dar continuidade ao movimento psicanalítico mundial. Dentro da IPA, opõe-se Lacan aos desvios teóricos que ela praticava e a ilusão de uma formação analítica completa nos moldes de uma licenciatura universitária. Poderíamos indagar: até que ponto não estaria aí isolado o discurso do universitário, em que o saber, usando as palavras de Alberti, move todo o edifício das relações que nele se fazem? Esse molde da licenciatura universitária estaria em contradição com o lugar do saber introduzido por Freud. Porque? Os laços mnêmicos que se inscrevem no inconsciente, constituem-se como o lugar do Outro. Dessa maneira, a psicanálise se inscreve sobre um fundo do não-saber.

Para Lacan, essa ritualização da prática e da formação do analista não garantiria o laço que sustenta a posição do analista e do analisando, não há desejo do analista. Cito

¹ Psicanalista, Mestre em Psicanálise, Saúde e Sociedade, Membro da IF-EPFCL, Membro de EPFCL, Fórum do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro e de Petrópolis, Delegada IF~EPFCL. Participante de FCCL-RJ.

Lacan:” [...] o problema do desejo não pode ser escamoteado: é quando se trata do próprio analista”.(p.26)².

Na primeira metade da década de 1950, os seminários de Lacan na Sociedade Francesa de Psicanálise¹, eram os que ainda se dedicavam ao estudo dos textos freudianos dotando o movimento francês de uma política da psicanálise articulada com uma teoria da formação. Era o retorno de Lacan a Freud.

Lacan articula a Escola Freudiana de Paris em 1964 que nasce com o Ato de fundação em 21 de junho desse mesmo ano. Cria uma Escola para a psicanálise, organismo que deve realizar um trabalho reconduzindo a práxis da psicanálise instituída por Freud. Dessa forma, o “Nome - de - Freud” tornou-se com o ensino de Lacan um significante fundamental. Lacan afirma que a Escola é antes de tudo freudiana. Cito Quinet, “... eis a invenção de Jacques Lacan em 1964 [...] para responder em nível de organização institucional à estrutura do Inconsciente, apreendida na prática psicanalítica inventada por Freud”. (2009, p.91).³.

Lacan apresenta em ata pela primeira vez uma novidade, o cartel, que representa uma proposta inovadora, cujo funcionamento se baseará na experiência. No que diz respeito ao cartel, julgava que essa fosse a maneira mais adequada para promover o avanço do trabalho de cada analista e conseqüentemente da transmissão da psicanálise. O cartel, já nessa época era considerado como o núcleo de transmissão do saber psicanalítico e como escreve Jimenez, é “como o gonzo que articula a psicanálise em intensão com a psicanálise em extensão, sendo a psicanálise em intensão o que garante a formação dos psicanalistas mediante a própria análise, e a psicanálise em extensão, o trabalho sobre a teoria.” Assim, a psicanálise em extensão tem a base para motivar a Escola e deve ser encontrada na experiência psicanalítica, “referida a uma lógica que sustenta uma análise capaz de introduzir

² Lacan. J. Preâmbulo, Documentos para uma Escola, Letra Freudiana, circulação interna, Rio de Janeiro.

³ Quinet, Antonio. A estranheza da psicanálise a Escola de Lacan e seus analistas, Jorge Zahar Editores: Rio de Janeiro.

o sujeito na experiência do ato e ser por ele motivado”, como escreve Schermann (2002, p. 61).⁴

O cartel foi criado por Lacan como uma organização circular para se contrapor ao funcionamento piramidal e à ideologia das sociedades psicanalíticas existentes. Ele dá ênfase ao seu funcionamento, à escolha do mais-um, às discussões, às produções individuais, à determinação do tempo. O significante “um” do mais-um é o que separa, faz o corte da inconsistência imaginária do suposto saber e promove a identificação com o tema de trabalho articulando seu caráter de saber não-todo, è o que faz o nó.. O que isso quer dizer? Retirar o analista da posição de aprendiz. Se o mais-um não promove o corte da posição do suposto saber ou o que melhor responde a ela, o lugar é o do mestre, cuja orientação lógica é o do saber constituído.

O cartel só tem sentido numa instituição sui generis, ou seja, a Escola proposta por Lacan. Cito Galvão quando ela escreve: “Um cartel que tem o seu movimento de entrada para formular uma questão de um não sabido, termina com um produto que gera outros laços, com novas questões e novos engajamentos numa comunidade analítica”.⁵ Podemos dizer que o cartel passa perto da clínica, o que aponta a emergência do real que exige manejos clínicos e como nos mostra Sobreira “... sem que isso signifique o recurso a a intervenções próprias do dispositivo como a interpretação [...]”⁶. O trabalho em cartel é uma provocação na medida em que não é um trabalho em grupo e como aponta Lacan em d’Écolage que o mais-um está em alguém com a função de velar para que se evitem os efeitos de grupo. Assim, na medida em que o mais-um não promove o saber mitigado do mestre, não ocorre o efeito de cola, o dispositivo do cartel se apresenta como um lugar privilegiado de produção não endereçado a um Outro ideal, mas a um interlocutor que queira dar um passe na construção da psicanálise.

⁴ Schermann, Eliane. Associação fóruns do campo lacaniano, revista de psicanálise, o real da clínica, Stylus n. 5.: Belo Horizonte – MG.

⁵ Galvão, Sandra. Cartel uma porta de entrada.

⁶ Sobreira, Sílmia. O real ronda o real, Café cartel, FCL – SP, 2008.

Dessa maneira, posso dizer que o mais-um na medida em que vela para que evite os efeitos do grupo, possibilita a travessia do cômodo para o in-cômodo. É em torno do incômodo que está gerando discussões no cartel.

O cartel, no qual fui o mais-um, teve uma peculiaridade em sua formação, qual seja, no intervalo, na hora do almoço entre os seminários da manhã e da tarde de FCCL-RJ. Uma colega e eu conversávamos sobre a nossa participação em diferentes cartéis sobre o seminário 9 , “A identificação”, que foram dissolvidos. e que nós gostaríamos de propor um novo cartel em que seria tratada esta mesma temática e algumas pessoas naquele momento mostraram interesse. Dos cartelizantes somente um não é psicanalista o que permitiu a inscrição de um outro discurso na experiência do cartel, qual seja, o da filosofia. Foi feita uma aposta no dispositivo. Ficou aí uma questão: a minha insistência em participar mais uma vez de um cartel sobre o seminário da Identificação. O que estava para além disso.? O que insiste? O que me prendeu ao tema? Um in-cômodo já estava se anunciando.

O cartel teve o seu início com a leitura de um trabalho sobre o que é um cartel, como dispositivo de Escola e não o estudo e discussão do seminário. A entrada no tema do cartel, pode-se dizer, deu-se pelo caminho de Freud, ou seja, fizemos a leitura do escrito de 1921, “Psicologia das massas e análise do eu”, do capítulo que trata da identificação e do artigo de 1914, “Narcisimo: uma introdução”, no qual introduz as noções de “eu ideal” e “ideal do eu”. Ficamos girando em torno dessas noções em vários de nossos encontros. É importante ressaltar que essa entrada foi pela via do giro do mais-um..

Ao começamos a leitura do seminário, havia algo que comparecia na dinâmica do cartel que não nos deixava avançar além da leitura da primeira aula, datada de 15 de novembro de 1961. Algo nos fixava nessa lição. Quando íamos passando para a segunda, retornávamos para a primeira. Por que estávamos retornando repetitivamente para a primeira aula? Qual é o significante que está velado e por isso se repete? A repetição demanda uma decifragem, demanda o novo, uma nova escrita. Dessa maneira, já estavam ocorrendo

ruídos, um despertar. Compareceu também um real como um encontro faltoso. Cito Lacan: “A repetição é algo que, em sua verdadeira natureza, está sempre velado na análise, por causa da identificação da repetição com a transferência.” (1964, 1998, p.56)⁷. Surge então um outro ponto a ser discutido, ou seja, há transferência com a temática do cartel?

Essas questões vieram surgindo e com isso pude ver que na dinâmica do cartel o discurso histórico nesse momento foi de fundamental importância porque ele fabrica o desejo de saber e como nos ensina Lacan, “O traço diferencial da histórica é precisamente este – é no movimento de falar que a histórica constitui o seu desejo”, sempre insatisfeito.. (1964, 1998, p. 19)⁸ Ainda sobre o discurso histórico cito Alberti ,” Neste, o sujeito que está sustentado pela verdade de um saber que não se sabe, na medida em que é o não saber que enquadra o saber.”⁹ O saber que não se sabe está relacionado com o furo que Freud indica na cadeia do inconsciente com o umbigo do sonho.

$$\begin{array}{ccc} _ \$ _ & \rightarrow & _ S_1 _ \\ & & A \quad S_2 \end{array}$$

Um outro giro do mais-um deu-se com a provocação de uma cartelizante, que colocou uma questão: qual o título que daremos à nossa apresentação em “Céu aberto”? O título deu-se pela regra psicanalítica da associação livre em que foi pinçado o significante, *um in-cômodo*. Em “Tempo lógico e a asserção da certeza antecipada”, Lacan formula a tripartição do tempo que não é cronológico, que chamou de, “O instante de ver”, “tempo para compreender” e o “momento de concluir”. É preciso haver o instante de olhar, nos ensina Lacan¹⁰., um atributo ignorado pelo próprio sujeito. O instante de olhar provocou um in-cômodo e cada um se colocou a trabalho a partir do in-cômodo. Com isso, o cartel, por um lado, passou por alguns momentos difíceis, pensou-se mesmo em dissolução, por outro lado,

⁷ Lacan, Jacques. Seminário livro 11, os quatro conceitos fundamentais de psicanálise, Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro.

⁸ Idem. op.cit.

⁹ Alberti.S. O discurso universitário im [HTTP://www.uva.br/trivium/edicao1/-odiscurso](http://www.uva.br/trivium/edicao1/-odiscurso) do universitário.pdf

¹⁰A esse respeito ver: Lacan,,Jacques. .p. 205. Escritos. Rio de Janeiro: Jorg Zahar Editor, 1998.

bancar o dispositivo, apostando nele, uma vez que é nos tropeços que algo novo surge. Não seria no instante ver que entramos no cartel?

Tomando última frase do texto da Proposição de 9 de outubro de 1967, quando Lacan comenta sobre um psicanalista que conheceu na última viagem aos EUA, recomenda que a Escola Freudiana de Paris não pode cair no *tough* sem humor desse psicanalista, ao se referir a uma fala dele: 'A razão por que jamais atacarei as formas instituídas', [...] é porque elas me asseguram, sem problemas, uma rotina que gera minha comodidade" (Lacan, 1967, (2003, p 264)¹¹ e seguindo as palavras de Miranda, ao comentar sobre a Escola de Lacan " A Escola é o lugar onde o psicanalista deve sentir-se como em sua casa, à vontade para tratar dos seus impasses, lugar que deve acolher o real impossível de dizer e suportar." Se o cerne da Escola é o real da experiência analítica, no cartel como dispositivo de Escola, esse real emerge na dinâmica do seu funcionamento um in-cômodo.e é na esteira desse in-cômodo, que nos colocamos a trabalho. E é com esse in-cômodo que o cartel está acontecendo, mesmo com alguns tropeços. Se tomarmos o que Soler escreve em Repetição e Sintoma II (2011) na experiência psicanalítica, "É aquilo que não se imagina, transtorna os equilíbrios. É sempre singular. Mesmo quando é para todos, não se partilha, É segregativa." ¹² Um in-cômodo!. Sendo o cartel um lugar de engajamento com a Escola, esse engajamento significa produzir um trabalho no curso do cartel onde se possa articular o real da clínica. Ele não é uma prática analítica, mas pode sustentar o laço social de uma comunidade de analistas. O que pude observar na minha experiência nesse cartel? Os quatro conceitos fundamentais que estão presentes na clínica psicanalítica: o inconsciente, a repetição, a transferência e a pulsão.

E termino com as palavras de Delgado comentando Lacan: "Posso imaginar que com a provocação do cartel, Lacan estaria nos dizendo: Saiam de suas poltronas e produzam um escrito sobre o que formularam de suas análises e suas clínicas e tragam a céu aberto para

¹¹ Lacan. Jacques. Outros Escritos, Jorge Zahar Editor;Rio de Janeiro.

¹²-Soler, Colette. Associação dos Fóruns do Campo Lacaniano, Revista Stylus 23, Nov. 2011.

que um interlocutor qualquer possa levar a empreitada adiante. Se ainda não há uma conclusão, exponham ao menos suas crises de trabalho. Com certeza isso terá um efeito sobre seu ato” (2004. p. 54)¹³.

¹³ Carvalho, Maria Célia Delgado de. Cartel: uma provocação? In Em torno do cartel a experiência na Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, (org) Bárbara Guatimosim., Associação Fóruns do Campo Lacaniano. Belo Horizonte, MG.